

P. P. I.

PUBLICIDADE, PUBLICAÇÕES, INFORMAÇÃO, LDA.

GABINETE DE INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA

Telefs. 36 69 12 - 32 64 54



RECORTES CLASSIFICADOS

IMPRESA DIÁRIA

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		DIÁRIO POPULAR	
SÉCULO		DIÁRIO DE LISBOA	
JORNAL DO COMÉRCIO		CAPITAL	
DIA		REPÚBLICA	
DIÁRIO		JORNAL NOVO	
PRIMEIRO DE JANEIRO		LUTA	
JORNAL DE NOTÍCIAS	11. SET. 1979		
COMÉRCIO DO PORTO			

## Lurdes Pintasilgo não quer torres-de-marfim

# «ESTOU APOIADA NA POPULAÇÃO E NOS SEUS PROBLEMAS REAIS»

Fundação Cuidar o Futuro



Na prometida (e adiada?) entrevista à TV, que acabou por se realizar ontem, Maria de Lurdes Pintasilgo revelou que vai começar a sair de Lisboa para «visitas de trabalho e cooperação com a população e os seus representantes», fazendo-se acompanhar pelos membros do Governo que tiverem a seu cargo os problemas com que se debatam, as zonas visitadas.

ção que a havia feito receber já representantes de vinte nações creditadas em Lisboa e, como referiu noutro ponto da entrevista, constituía o objectivo da sua próxima viagem a Nova Iorque, para participar nos trabalhos da ONU.

encontrar melhores condições de vida para a população.

Maria de Lurdes Pintasilgo declarou também que «nas secretárias dos seus colaboradores no Ministério se amontoam cartas das mais diversas pro-

veniências, «voz anónima de gente que desde o Norte ao Sul do país» a tem incitado e encorajado.

E concluiu: «Estou apoiada onde a vida está. Isto é, a população portuguesa e os seus problemas reais».

### Os preços, o FMI, as medidas sociais

Foi no seguimento destas afirmações que surgiu a revelação das saídas periódicas para visitas de trabalho pelo país. Maria de Lurdes Pintasilgo declarou que só não o fez antes porque dois problemas a tinham trazido «preocupada», «angustiado»: a greve

dos médicos e os recentes aumentos de preços.

E a entrevista deslocou-se naturalmente para este último tema. Sobre ele, afirmou Lurdes Pintasilgo que a preocupação do Governo «foi tão grande que fez três reuniões consecutivas do Conselho de Ministros a tentar encontrar soluções que minorassem os aumentos».

Sobre este tema, e noutro passo da entrevista, o chefe do Governo haveria de negar que tivesse havido intromissão do FMI nas medidas tomadas: «O aumento de preços era totalmente inevitável e não dependeu do FMI; dependeu sim da estrutura das nossas empresas públicas que preci-

sam de uma total remodelação, no sentido da sua maior eficácia (pois, lá por serem públicas, não devem beneficiar só aqueles que nelas trabalham)».

E Lurdes Pintasilgo recorreu a influência predominante nos preços da crise económica internacional e uma frase do presidente da República Francesa: «Acabou em França a sociedade de consumo».

Dos aumentos de preços logo desviou a entrevista para as medidas sociais com que o Governo prometeu minorar a austeridade.

«Há que ser clara e muito honesta a este respeito: não dispõe o país neste momento de recursos de modo a poder remediar completamente este aumento de preços».

E logo a seguir explicou que havia era a possibilidade de utilizar «mecanismos que levem a compensar justamente aqueles que têm menores cosses». Pouco depois, Lurdes Pintasilgo haveria de referir que já nos aumentos feitos se tinha tido isto em atenção, procurando escaloná-los de tal forma que se tivesse em atenção uma distribuição dos sacrifícios que levasse em linha de conta os mais necessitados, por exemplo, ao nível dos transportes.

Qual a prioridade absoluta neste campo? «Repare que há um milhão de portugueses que não auferem mais de 1 500\$00 por mês» — afirmou a entrevistada, acrescentando que só a dieta mais rasteira necessária à alimentação de uma pessoa custa 1 650\$00 mensais (sem contar com o trabalho de confecção das refeições).

«Mas este Governo está preso a um orçamento que não fez e mais: está no fim da execução desse orçamento». No entanto, segundo se depre-

endeu das palavras do primeiro-ministro, estará nos planos do Executivo aumentar as pensões aos idosos e reformados, isto a par com estudar as condições do salário mínimo e do desemprego que atinge sobretudo os mais jovens a («há que ajudá-los a descobrir maneiras para onde eles poderão canalizar as suas energias e encontrar meios de subsistência»).

### «A economia é um polvo...»

«Tudo isso, no entanto, leva muito tempo, sobretudo porque nós temos uma economia que não está construída para servir as pessoas; temos é as pessoas terrivelmente ao serviço da economia» — declarou a entrevistada, acrescentando, no entanto: «Estou convencida de que vamos pelo menos deixar nos carris uma economia que esteja ao serviço das pessoas e não um grande polvo que as está envolvendo tentacularmente e quase o seu próprio sangue».

O entrevistador perguntou se tal teria também a ver com a máquina administrativa e Maria de Lurdes Pintasilgo respondeu afirmativamente, citando como exemplo o caso de alguns pedidos de autorização legislativa: «Sabe, por exemplo, que um deles se referia (...) a um empréstimo de meio milhão de contos oferecido pelo governo holandês em 1976 para o sector da pesca, que foi aprovado pelo III Governo Constitucional e que ainda hoje não foi utilizado?»

Depois de alusão ao FMI que já se referiu, a entrevista passou a abordar as relações com os partidos e o futuro Governo.

### «Estou apoiada onde a vida está»

Sobre a diminuição do apoio ao seu Governo, sobre o progressivo isolamento a que este estaria sujeito, a primeira mulher portuguesa a desempenhar o cargo de chefe do Executivo respondeu que o apoio continua o que sempre foi: «formalmente o meu Governo está isolado desde início pelo facto de ser um Governo não partidário (...), à partida, é um Governo que não conta com muito apoio desse tipo de formações políticas». No entanto, dois factores teriam demonstrado que «tal isolamento não é tão grande como parece», pois o contacto com as forças sociais (confederações, sindicatos, etc.) revelou ao primeiro-ministro que haveria pontos de convergência entre estas diferentes organizações representativas de diversas forças e camadas sociais: o desejo de

ferindo-lhes os estrangeiros) e a segunda de que o seu Governo estaria isolado.

Quanto à primeira acusação (que constituiu também tema de pergunta do entrevistador), o chefe do Executivo lembrou que não seria bem assim, tanto mais que, para além do debate havido no Parlamento havia feito seguir a sua indignação por uma conferência de imprensa («só duro como notícia 24 horas», haveria de referir) e que, por outro lado, era assediada constantemente por pedidos da imprensa estrangeira que não podia recusar, por dois motivos: porque resultavam da natural curiosidade pelo facto de ser uma mulher que ocupava cargo tão importante e porque, simultaneamente, revelava interesse pelo nosso país. Relativamente a este aspecto, o primeiro-ministro afirmou que estava interessada em defender uma imagem pública do país e «aumentar a sua credibilidade».

De resto era essa preocupa-

Fundação Cuidar o Futuro